

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



**FUNDAMENTOS DO VOCIFERARTE:
APRECIACÕES DE UM OBJETO METONÍMICO
*CONSIDERAÇÕES PARA O CICLO 2022-2024***

Manuela Borghi Crissiuma - mcrissiuma@gmail.com

Laerte de Paula – laertedepaula@gmail.com

Diogo de Moraes – diogodemoraes@gmail.com

Resumo: O artigo debate os fundamentos do projeto Vociferarte, destacando um primeiro objeto – as vociferações, diante das quais procura-se recolher, junto aos artistas, reflexões sobre os modos de tratamento deste a partir do campo artístico. O artigo percorre algumas perguntas tais como: qual o estatuto do objeto artístico e de que maneira artistas e psicanalistas concorrem para sua problematização? Qual o objeto que, na produção artística, toca o ódio? Por quais vias um objeto artístico teria a vocação para promover um giro de posição e não somente de deslocamento de sentido? Por fim, tentamos articular de maneira breve a noção de objeto a em Lacan apontando para o fato de que tratar os ódios corresponde a convocar a uma experiência de invenção diante de um evento que aponta para a claudicação do ser.

Palavras-chave: Vociferarte, vociferação, arte, psicanálise, objeto artístico.

São Paulo
2023



**BASIS OF THE VOCIFERARTE PROJECT:
REFLECTIONS OF A METONYMIC OBJECT
*COMMENTS ON THE 2022-2024 CYCLE***

Manuela Borghi Crissiuma - mcrissiuma@gmail.com

Laerte de Paula – laertedepaula@gmail.com

Diogo de Moraes – diogodemoraes@gmail.com

Abstract: This paper attempts to discuss the basis of the Vociferarte project, highlighting one first object and goal– vociferations to, on a second level, gather along with the artists reflections on the different ways of approaching and treating such object in the artistic field. Second, the paper tries to develop a few questions such as: what is the status of the artistic object and how do artists and psychoanalysts take part in debating it? What is the object that, in the artistic production, can mobilize hate? In what ways can an artistic object be able to allow a a shift of position of oneself, rather than a shift of meaning? Last, we try to briefly articulate the notion of the object a in Lacan by highlighting the fact that the treatment of hate has to do with summoning an experience of invention in the face of an event that brings one closer to the wavering of being.

Keywords: Vociferarte, vociferation, art, psychoanalysis, artistic object..

FUNDAMENTOS DO VOCIFERARTE: APRECIACÕES DE UM OBJETO METONÍMICO

O analista que se interroga sobre a estrutura do olhar que ele próprio pousa no analisando encontra a questão do olhar do pintor: não é o pintor aquele que sabe ouvir o invisível e sabe deixá-lo à mostra com algumas manchas de cor?

DIDIER-WEILL, 2016, p. 20

O projeto Vociferarte surgiu como um desdobramento lógico de uma série de articulações tecidas por Mauro Mendes Dias a respeito de uma pesquisa sobre as vociferações. Seus primeiros movimentos tiveram lugar em 2017 e durante os primeiros quatro anos o projeto esteve sob a coordenação conjunta de Daniele Sanches e Luiz Eduardo de Vasconcelos Moreira, junto a Mauro Mendes, realizando uma série de investigações e conversas públicas com artistas, encontros estes disponibilizados no YouTube. A partir de 2022, o projeto passou a contar com a coordenação de Manuela Borghi Crissiuma, Laerte de Paula, ambos psicanalistas e membros pesquisadores do Instituto VOX, bem como de Diogo de Moraes, pesquisador, mediador cultural e artista visual, igualmente acompanhados por Mauro Mendes Dias. O texto a seguir busca enquadrar os fundamentos do projeto como elementos norteadores de uma direção de pesquisa da gestão atual.

Delimitando o campo, os objetos e a finalidade do projeto

Em sua essência, o Vociferarte é um projeto que procura destacar um primeiro objeto – as vociferações – e, ato contínuo, imprimir um objetivo específico diante dele: recolher, junto aos artistas, reflexões sobre modos de tratamento desse objeto. Tratar as vociferações, portanto, condensa uma aposta que indica uma direção. Nesse sentido, existe uma tomada de posição a ser pensada em sua dimensão política: a aposta na experiência simbólica, em sua qualidade polissêmica, traria a potência para transformar, deslocar ou dissipar posições cristalizadas de ódio na cultura.

Avançando nesta direção, como via privilegiada para pensar essa dimensão de *tratamento*, o projeto recorre a um segundo objeto a ser construído, destacado e problematizado, representado pela produção oriunda do campo da arte. O *objeto artístico* é

concebido, aqui, como construto capaz de agenciar variadas formas de tratar o ódio. No entanto, resta um desafio por ser articulado e que se realiza de modo concomitante ao próprio campo de interlocução do projeto: qual o estatuto do objeto artístico e de que maneira artistas e psicanalistas concorrem para sua problematização? Qual o objeto que, na produção artística, toca o ódio e pode promover os efeitos supramencionados?

A posição vociferante

Tomando como premissa uma leitura atravessada pelas contribuições da psicanálise, haveríamos de considerar a vociferação em distinção à qualidade da fala humana, em especial no que esta carrega de abertura à palavra do outro e ao deslocamento possibilitado por essa troca linguageira. Como exemplifica Mendes Dias, “mesmo que nas vociferações existam palavras, elas não cumprem mais as leis da fala que, como metáfora e metonímia, permitem o acesso ao sentido”, operação essa que ocorreria pelo recurso à substituição e deslocamento daquilo que é dito (2020, p. 21). O discurso das vociferações se estruturaria suportado em um empobrecimento da língua (idem, p. 22) e culmina em um efeito de *crystalização* de sentido que, por esse motivo, se transforma em imperativo, recusando a mobilidade potencial da dimensão simbólica (e da própria posição do sujeito).

Assim, o que é visado na vociferação tem relação com a eliminação da particularidade do Outro, posto que a tentativa não é de fazer Um com esse Outro, efeito que seria visado no amor, mas fazer Um consigo mesmo. Desta forma, a dimensão vociferante haveria de ser pensada como resposta a dois elementos que ameaçam a sustentação do sujeito: a redução extrema da polissemia da língua e a evitação obstinada da dimensão da perda (MENDES DIAS, 2022, p. 132).

A ferida subjetiva – que também pode ser pensada como uma das marcas da castração – pela qual um sujeito se confronta com as limitações impostas pela linguagem, espécie de tributo pago por aqueles que ocupam a posição de falantes, corresponde àquilo que o ódio se esforça por negar. Nesse sentido, a vociferação opera como modo de defesa que se esforça por ferir o outro, achincalhando-o, desprezando-o, degradando-o, xingando-o, difamando-o. Segundo Jean-Pierre Lebrun:

No coração do sujeito, em seu lugar mais íntimo, encontram-se, portanto, as palavras do Outro, que são primeiramente, para ele, estrangeiras, que vêm de outro lugar, mas

no coração desse coração, no meio do Outro, [há] um buraco, uma falta sobre a qual, paradoxalmente, o sujeito deverá se sustentar para declinar sua própria singularidade.

Aí está porque o ódio se aninha no coração do ser de cada um. Não somente ele nasce devido à palavra, não somente ele se endereça ao vazio que habita a fala, mas o lugar desse endereçamento está situado dentro do próprio ser, não dentro do outro primeiramente; mas pelo fato de eu ser feito no material do Outro, ele é endereçado ao Outro que contendo em mim mesmo, ao Outro que primeiramente eu sou. (LEBRUN, 2008, p. 28)

Uma direção de ressensibilização

A aposta em destacar no *objeto artístico* efeitos que contribuam para um tratamento do ódio implica em reconhecer uma vocação possível aos sujeitos, e para a qual os aportes da psicanálise têm algo a demonstrar. A partir de um entendimento de ressensibilização da experiência humana (entenda-se: a afetação própria à assunção dos efeitos de divisão provocados pela existência de linguagem e pela mobilização produzida na relação com o outro), o *Vociferarte* se respalda em algumas balizas da teoria analítica, em especial, a dimensão da invenção como forma de tratar o real. O campo da arte não deixa de fornecer oportunidades privilegiadas de tangenciar, aludir, evocar algo desse âmbito para produzir seus efeitos.

Tal ressensibilização mantém no horizonte a advertência de que não se trataria de buscar respostas unívocas ou sustentar a esperança idealista de que as vociferações simplesmente possam ser erradicadas, ou de que haveria qualquer pretensão de preveni-las, mas de cultivar um espaço de reflexão que não apague os tensionamentos em jogo e que tampouco perca de vista aquilo que insiste de fracasso e resistência dos falantes diante da subordinação aos efeitos da lógica significante. Conviria ter claro que o objeto da psicanálise, como indica Lacan, “não é o homem; é aquilo que lhe falta — não uma falta absoluta, mas a falta de um objeto” (LACAN, 2003, p. 218). Aqui, propomos tomar como objeto aquele elemento que daria consistência ao ser e ao desejo de cada sujeito. Diante desse objeto que, por estrutura, se constitui como ausente a cada um, é que podemos nos ocupar de ler os encaminhamentos que os falantes produzem para dar conta desse furo fundante.

Por que a arte?

Aventa-se aqui a hipótese de que o fazer artístico teria condições potenciais de – apreciadas certas circunstâncias a serem investigadas pelo próprio Vociferarte – diluir, mitigar ou deslocar a posição de ódio e vociferação. A premissa que sustenta que a arte pode operar como tratamento aí, segundo Mendes Dias, é tributária da noção de *giro de posição*, em contraste com uma acepção que privilegiaria a dimensão do sentido e do valor representacional de uma dada obra (pelo qual, diante desta, o sujeito reafirmaria uma dimensão de compreensão e correspondência com a própria imagem de si). O aporte que a psicanálise traz à reflexão privilegia uma mudança de posição subjetiva diante do encontro com o *objeto artístico*, mais do que com um valor imanente de uma dada obra: efeitos siderantes e dessiderantes. Mendes Dias pensa esse movimento como operação que pode recolocar em jogo a relação de um sujeito com a dimensão de causa de seu próprio desejo (2022, p. 138). É o caso, então, do Vociferarte interrogar por quais vias um objeto artístico teria a vocação para promover esse tipo de giro.

Cernir o objeto artístico: um objeto deduzido de seus efeitos

Quanto à matéria aqui denominada *objeto artístico*, deslocamento de outro objeto, qual seja, a ‘obra de arte’, qual seu estatuto, sua materialidade, sua fronteira? Tal objeto estaria reduzido aos limites de sua materialidade concreta, ou seria mais justo dizer que ele é também composto pelas narrativas que o situam e o nomeiam? Uma obra *comentada* produziria efeitos distintos de uma não acompanhada de nenhuma contextualização simbólica, histórica, social, política¹? De que condições depende que se opere a mudança de giro a partir da qual um sujeito passe a se contar desde um novo lugar? Tal efeito já abarca a leitura de um tratamento: contar-se de um novo lugar já é um modo de atravessar o ódio, na medida em que o ódio resiste a tal deslocamento, fratura, subversão.

Um dos objetivos orientadores do projeto é o de refinar uma articulação que considere essas formas plurais de leitura do objeto artístico – o que implica em recolher os diferentes saberes produzidos como efeito de sua exposição, sem excluir o processo de acompanhar e desdobrar as controvérsias que uma obra pode promover.

¹ Esse parece ser também o questionamento proposto por Jean Galard em um livro lançado na França em fevereiro de 2023: *Conversations avec les choses muettes*, da Editora L'Atelier Contemporain.

Conceber o ódio como passível de ser tratado pela arte implica, ainda, em apreender as condições pelas quais tal efeito poderia ser verificado, lido, articulado. Ademais, tal desafio solicita localizar as coordenadas que permitiriam destacar esse objeto na medida em que ele extrapola sua própria “moldura”, sendo determinado por suas variáveis históricas, materiais, e mesmo pelas interferências que uma obra recebe dos públicos, incluindo-se aí seus modos particulares de fruí-lo. Nesse âmbito, o *objeto artístico* também haveria de ser pensado como o efeito de um processo relacional, passível de deslocamentos e ressignificações.

Ademais, e em consonância com a própria dimensão da interpretação em psicanálise, a comoção potencial do fazer artístico precisa ser considerada para além de seu teor representacional, de seu apelo ao sentido e à significação, operações que incorrem justamente no risco de produzir uma saturação de identificações imaginárias, cristalização de sentidos, efeitos de fascinação que, em última instância, acirrarão o efeito de vociferação.

Atravessado por uma prática de pesquisa solidária ao saber analítico, o Vociferarte considera as formas pelas quais esse saber pode contribuir com a criação de condições de aprendizado com o fazer dos artistas e com as formas variadas de recepção de suas poéticas. O projeto sustenta uma posição tributária de alguns fundamentos estabelecidos a partir da teoria promovida por Jacques Lacan, que permitiriam pensar de que maneiras e com quais efeitos o objeto artístico poderia concorrer para o tratamento das manifestações de ódio: a lógica significante, a dimensão do objeto *a*, o estatuto do olhar, a noção de sujeito como resposta ao encontro com o real.

Faz-se incontornável recorrer à premissa, sustentada desde o Seminário VII, de Lacan, de que o fazer artístico conjuga um modo de experiência com o vazio (LACAN, 2008), com os limites da representação e com a própria experiência de vacilação dos saberes que localizam um sujeito. Colocado desta forma, aproximamo-nos de uma leitura que pensa o sujeito em articulação indissociável a uma experiência de claudicação: um sujeito é produto-efeito da vacilação de um saber, acontecimento a partir do qual o olhar pode advir. O olhar como efeito do encontro com a obra é correlato da queda de um saber siderante, fazendo vacilar a posição prévia do sujeito.

Posto isso, deduziríamos o objeto a partir dos efeitos produzidos? É ‘obra de arte’ aquilo que promove divisão subjetiva? É obra aquilo que produz a vacilação do sujeito, experiência de espanto? É obra aquilo que desloca o sujeito em sua relação com o próprio olhar? É obra a montagem que ultrapassa a proposta representacional para indicar aquilo que

opera efeitos psíquicos para além do sentido comungado com outros? É obra aquilo que bordeja ou toca a causa do desejo?

Um dos efeitos visados neste debate poderia se condensar naquilo que Lacan indica no início de sua décima aula referente ao Seminário sobre a identificação, quando indica a possibilidade de “fazer aparecer o objeto enquanto metonímico” (LACAN, 1962, p. 147). Trata-se do mesmo objeto que indicaria a condição de assujeitamento do sujeito a um desejo que lhe descentra para, enfim, produzir aquilo que o ódio visa colmatar: vacilação, fugacidade, instabilidade, divisão.

Trata-se de identificar, no campo da arte, os efeitos que o saber da psicanálise possibilita localizar e colocar em relevo, e que só se tornam legíveis e articuláveis a partir dele. Se o saber da psicanálise localiza e destaca um novo objeto de estudo – o objeto *a* – em que medida a dimensão de *obra artística* não é deslocada a partir desse saber? A partir daí, é possível sustentar a tese de que o objeto artístico se torna *outro* a partir dos aportes da psicanálise, não mais confinado aos limites de um museu, das intenções do artista ou mesmo da moldura de uma obra ou de uma significação unívoca.

O que tratar quer dizer?

O que haveria em comum, então, entre as posições do psicanalista e do artista no caso do tratamento da vociferação? Valemo-nos de uma formulação de Alain Didier-Weil, quando este aponta que tanto um como o outro são responsáveis por resistir ao *desfalecimento do verbo*, retomando para isso a via de uma palavra que permita: “tornar visível o inaudito, tornar imaterial o supostamente material, e escutar o invisível” (DIDIER-WEILL, 2014, p. 21).

Já Ramos (2018), valoriza a dimensão de um tratamento do sentido através do equívoco.

Em que medida nosso saber fazer com a interpretação não é também um saber fazer político de resistência contra certezas e unificações que alimentam o ódio? Em que medida o tratamento do sentido pelo equívoco não é em si mesmo um modo de mediação simbólica das paixões que se tornam patologias da certeza?

Tratar os ódios corresponde a convocar a uma experiência de invenção diante de um evento que aponte para a claudicação do ser. Tal como proposto aqui, esse esforço implica aproximar o sujeito de um contato com tal condição dividida, pelo qual descobre-se causado por um encontro que aponta para aquilo que está para além de seu saber e do que supunha

poder ver. O *objeto artístico* é convocado, aqui, como aquele que possuiria a vocação de produzir um furo no saber, forçando o sujeito a um deslocamento em direção a uma nova posição. A premissa de ressensibilização encontra aqui seu respaldo.

A partir daí, caberia pensar nas condições – materiais e imateriais – que contribuem para que tal efeito de divisão seja favorecido, o que implica ainda a consideração de que tal acontecimento não pode ser garantido *a priori*, mas as condições de seu advento – ou mesmo do fracasso desse advento – podem ser estudadas. Acompanhar esse caminho acidentado e incerto constitui parte de nossa investigação.

Por último, em que medida a extração das consequências desse manquejar passa pelo recolhimento e análise de seus índices empíricos, a fim de operarmos com expressões emergentes e concretas – evitando cair na especulação pura? A que tipo de *verificação* haveria de se recorrer para justificar o efeito e o tratamento a serem estudados? Na clínica, diríamos que um psicanalista pode participar da colheita desses efeitos junto a seu analisante mediante uma relação privilegiada que chamamos de transferência. Na apreciação de uma obra e no debate com um artista, no entanto, como produzir o destacamento do efeito que aqui se deseja circunscrever? Neste sentido, é parte da vocação do projeto Vociferarte refinar as articulações entre a produção teórica e artística que favoreçam um duplo movimento: esclarecer o efeito estudado e, ao mesmo tempo, favorecer as condições de seu próprio engendramento a partir das reflexões propostas.

Convocando o saber insabido ao debate

No texto *A mutação da obra de arte*, do filósofo Gerard Lebrun, somos lembrados de que “a maior parte do tempo, uma imagem nos interessa porque indica alguma coisa que não está na imagem: pelo que nos deixa adivinhar, ou pelo que continua a ocultar. Somos mais detetives que voyeurs” (LEBRUN, G. 2006, p. 338). A dimensão detetivesca é sublinhada em detrimento da posição de mero observador na medida em que indica um sujeito ativo em busca de um novo saber que narre o efeito de mistério, de enigma e de espanto diante de um encontro com o *objeto artístico*. Outra encantadora passagem desse texto diz respeito àquilo que o impressionismo introduziu na história de arte: “o olho, que aprendera somente a ser espectador passivo, achava-se em presença de uma arte cujo objetivo não era mais mostrar o mundo, porém balizar a minha construção do mundo. O olho fora educado para olhar, e

propunham-lhe que escutasse” (idem). Novamente aqui, um apontamento que privilegia a dimensão engendrante, inventiva, daquele que é atravessado por tal encontro.

Assim, até que ponto a contingência de um efeito de divisão poderia ser tomado como pista, como materialidade que afirme que ali houve obra, encontro com um objeto artístico? Se é a partir de uma posição de divisão que um artista opera, de ignorância sobre aquilo que ganhará expressão em sua obra, e se os efeitos de sua obra já não dizem mais somente dele, mas de cada um que se encontra e se relaciona com ela, de que maneira é possível *aprender* com o artista, e mesmo com os públicos que, por sua vez, também engendram o objeto artístico? Como favorecer para que apareça o saber que interessaria recolher dessas experiências?

O projeto Vociferarte se lança a um novo exercício do olhar diante destas questões...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIDIER-WEILL, A. *Nota Azul: Freud, Lacan e a arte*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014.

LACAN, J. Seminário, livro 7: *A ética da psicanálise, 1959-1960*. Trad. Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 387p.

LACAN, J. Seminário, livro 9: *A identificação, 1961-1962*. Trad. Ivan Corrêa e Marcos Bagno. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003. 442p.

LACAN, J. Resposta a estudantes de filosofia. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 210-218.

LEBRUN, G. *A filosofia e sua história*. São Paulo: Cosac&Naify, 2006.

LEBRUN, J.-P. *O futuro do ódio*. Porto Alegre: CMC, 2008.

MENDES DIAS, M. *O discurso da estupidez*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

MENDES DIAS, M. O discurso da estupidez e seus tratamentos possíveis. In KAMERS, M; JORGE, M. A. C.; MARIOTTO, R. M. M.; (organizadores). *Psicanálise, clínica, cultura*. Salvador: Agalma psicanálise. 2022. pp. 123-140.

RAMOS, C. *A voz entre o ódio e a poética da indignação*. Biblioteca Virtual do Instituto Vox de Pesquisa em Psicanálise. São Paulo, 2017.